

# ESPAÇO COMO DESEJO. THE IDEAL SPACE,

## Centro de Investigação sobre modos de habitar, 1º Workshop

NUNO LACERDA LOPES

### Hoje há pudor quanto ao desejo

Se os economistas influenciam tanto a economia como os meteorologistas o tempo, o que os arquitectos andam cá a fazer?

Hoje há pudor quanto ao desejo!

Hoje há incerteza quanto à legitimidade do desejo. Como motivação, hoje disfarçamos e reprimimos as vontades de um desejo num ecrã virtual e talvez por isso, pura e simplesmente o desejo tem vindo a ser pouco tratado e referido nos trabalhos da escola e das escolas.

Paradoxalmente foram muitas as escolas, herdadas, que nos Maios estrangeiros reivindicaram o desejo e a utopia e o onírico contra o quotidiano, a rotina e um sólido real.

Mas hoje as escolas têm pudor à utopia, têm medo do compromisso com o vigor de uma “injustificada” causa.

Não se fala de “amor”, nem de felicidade nas casa que se projectam, nem de dramas e divórcios que testemunham. Cientificamos os processos e redimimos a esperança da casa como expressão de um vulgar receptáculo para a vida que outros nos organizam.

Por isso trouxemos o desejo, a utopia como tema, porque é contra o vento que os aviões levantam voo e a nossa vontade, em projecto, é ainda poder voar.

A geração da utopia, dizem-nos, perdeu-se na social-democracia que argumenta justifica e padroniza. A geração dos filhos da geração da utopia, contaminam-se por padrões de segurança, objectividade e dados estatísticos onde a utopia, o desejo é quantidade, matéria e quando não transforma-se por vezes virtual numa qualquer playstation mais radical.

O desejo tem-se tornado opaco e por isso material, menos ideal e colectivo e mais terrestre e pessoal, contudo mais próximo e universal. A utopia é algo do passado e por isso é história vulgar, uma expressão de felicidade banal e de abundância. Hoje é o corpo o território sublime do desejo e da acção. O lugar íntimo, pela conquista de um ideal de modelação corporal e a possibilidade da crescente transfiguração, torna a fantasia e a utopia mais evidente, e revela-se mais acessível aos explícitos desejos.

Não mais a casa, mas o corpo como último reduto dessa utopia e desse crescente desejo do Habito em mim! Que se constrói progressivamente.

A casa parece ter tudo o que necessitamos e estabiliza-se à falta de desejos. E, se estes se transferem para o corpo e para as transformações biológicas que a engenharia genética, pelo conhecimento do fenómeno humano, começa a revelar saber dominar e projectar, leva a interrogar se não serão estes os arquitectos do futuro? Que em vez da casa, projectam os seus habitantes – à falta da utopia e do desejo?

O convite para a realização deste Workshop foi no sentido de recolocar a tónica na ideologia de valores, agora visivelmente mais individuais que colectivos e agora mais urbanos que outrora, mas visivelmente “livres” e convictamente disciplinares que augura bons tempos para o projecto.

Mais do que a ortodoxia, a libertação pela utopia, levou a experimentar projectos pouco disciplinados e maduros onde o segredo inicial, espécie de pecado original, que motivaram as soluções débeis iniciais se transformaram em certezas de tempo, e de espaço, onde este organizado é a base para a construção da arquitectura, que se deseja sem léxico e por isso talvez encontremos estes trabalhos despidos de referenciais, mas não de referentes.

Neste processo pensar a casa é pensar no homem, projectar a casa ideal é procurar o homem ideal, é procurar por aquele sinal que poderá existir ainda dentro de nós.

Ao projectar por conceitos, por imagens ou por diagramas, que a contemporaneidade vem legitimando ou promovendo, numa base abstracta e quantas vezes infundamentada, superficial ou alietória, experimenta-se a liberdade essencial, com resultados visivelmente actuais, na expressão ambígua e divergente que retrata a complexa teia do estar contemporâneo que o espaço organizado para um ideal de habitar ainda revela.

Frágil e sem certezas quanto à chegada, descobrimos nestes trabalhos um percurso para uma arquitectura chã, mais afastada dos modismos disciplinares e talvez mais reduzida ao uso e por isso mais perto, do que nos é essencial – porque é esse e não outro ...o nosso desejo!

N. Lacerda Lopes, “O espaço como desejo. *The ideal space*. Centro de Investigação e Modos de Habitar, 1º Workshop”, Ed. CIAMH, Porto, 2004.